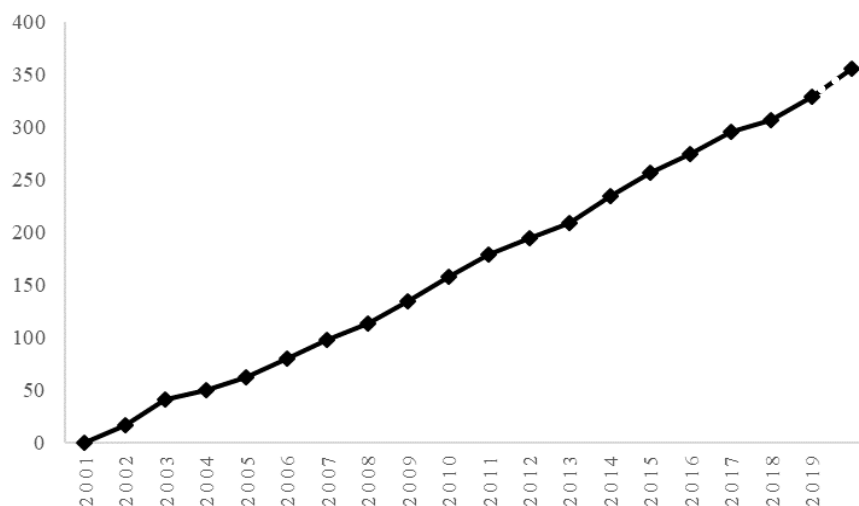


behaviors



Sumário

Editorial.....	1
Autocontrole produzido por persistência de resposta em padrões de comportamentos estabelecidos, em humanos Micheletto, N, Almeida, P. S., Oddone, A., Garcia, A., Romano, B., Beraldo, J., Tognozzi, J., Leite, E. F. C.....	3
Protocolo Comportamental de Avaliação e Intervenção Precoces para Bebês de Risco Autístico: Revisando os antecedentes evocativos dos comportamentos-alvo Meletti, H. D., Gioia, P. S., Keiner, S., Lima, A. C. S. A., Carvalho, F. G., Morais, F. M. M. V., Monori, G. L.....	8
PROGRAMAÇÃO XXI LABEX.....	13

Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada
ISSN 1980-704X

é uma publicação do
Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP

Editores: Mônica H. T. A. Gianfaldoni, Thays C. R. Dutra, Fabiana de
Godoi Carvalho, João M. Rodrigues Neto e Vitor Duncan Marinho

Corpo Docente

Amilcar R. Fonseca Jr	graduação
Denigés R. Neto	graduação
Denize R. Rubano	graduação
Emerson F. da Costa Leite	graduação
Fani Eta K. Malerbi	graduação e pós
Fátima Regina P. de Assis	graduação
Marcos Spector Azoubel	graduação
Maria Amalia P. A. Andery	pós-graduação
Maria do Carmo Guedes	pós-graduação
Maria Eliza M. Pereira	graduação e pós
Maria Luisa Guedes	graduação
Mônica H. T. A. Gianfaldoni	graduação e pós
Nilza Micheletto	graduação e pós
Paola E. M. Almeida	graduação e pós
Paula S. Gioia	graduação e pós
Sérgio V. de Luna	pós-graduação
Thomas A. R. Woelz	graduação

A figura da capa mostra parte do trabalho – as dissertações e as teses defendidas/por defender – que acumulamos no Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento desde 2001.

EDITORIAL

Apresentamos os XXIII LABEX e Behaviors. Com o dia-a-dia atribulado, temos pouco tempo para conhecer o que está sendo produzido pela nossa comunidade e, assim, o Labex e o Behaviors mantêm sua importância. O Labex é um encontro para conhecer, sistematizar e discutir o trabalho realizado em Análise do Comportamento durante o ano e o Behaviors oferece uma parcela dos resultados de nossa prática cotidiana de pesquisa e de nossa prática cotidiana de formação. No Labex de 2019, teremos uma amostra de todas as modalidades institucionais de pesquisa que praticamos: Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação de Mestrado, Tese de Doutorado e o relato das pesquisas desenvolvidas em disciplina do Programa de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Essas pesquisas foram produzidas nas três linhas que caracterizam o PEXP e são norteadoras de nossas investigações: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento; Processos Básicos na Análise do Comportamento; e Desenvolvimento de Metodologias e Tecnologias de Intervenção. Contando com 13 mestrandos, três professoras e quatro monitores essas pesquisas evidenciam, entre outras qualidades, a relevância do trabalho coletivo, importante em qualquer área profissional. De forma inédita, neste ano haverá a apresentação de um artigo produzido durante a realização e como parte de dissertação de mestrado, desejo de todos, e que temos destinado esforços ao longo do semestre e que se concretiza. No Editorial do Behaviors há dez anos, afirmávamos que defendíamos a diversidade dos temas de nossa produção de conhecimento, considerando a curiosidade e o interesse dos estudantes, “remando contra a maré” da hiperespecialização, explorando a variabilidade do que há em análise do comportamento. Continuamos com esse compromisso, que é tarefa trabalhosa que não pode prescindir de uma prática ética e rigorosa. E ao tratarmos de ética e rigor na produção de conhecimento, é impossível não lembrar do legado de Murray Sidman, falecido em maio deste ano, em seus mais de 140 trabalhos publicados, em especial o Táticas da Pesquisa Científica (1960). Com um interesse ímpar em metodologia para construir conhecimento fidedigno, generalizável e replicável não fez um manual com regras a serem seguidas, mas sim descreveu algumas formas de avaliar seu próprio trabalho e o de outros, preocupado com os dados propriamente ditos e as técnicas utilizadas para produzir esses dados. Era comprometido, com não menos vigor,

com questões sociais como amplamente apresentado no *Coerção e suas implicações* (1989), que temos cuidadosamente estudado desde a graduação. Na ocasião da morte de Murray Sidman, Gina Gren escreveu sobre a enorme perda para a *Análise do Comportamento*: "...Os experimentos de Dr. Sidman eram elegantes, e ele tinha talento para explicar noções e procedimentos complexos com requintada precisão e clareza. Ele foi modelo e mentor de muitos analistas do comportamento ao redor do mundo, generoso com seu tempo e conhecimento, dedicado a fazer do mundo um lugar melhor através da ciência, um amante da ópera e de sua cidade natal Boston, e da arte e do sorvete e, claro, de sua falecida esposa Rita, seus três filhos muito talentosos e seus netos.... Leia todos os seus escritos [de Sidman] que puder ter em sua mão." Um excelente conselho para todos os pesquisadores analistas do comportamento.

Autocontrole produzido por persistência de resposta em padrões de comportamentos estabelecidos, em humanos

Micheletto, N., Almeida, P. S., Oddone, A., Garcia, A., Romano, B., Beraldo, J.,
Tognozzi, J., Leite, E. F. C.

Comportamentos complexos, chamados de autocontrole, foram analisados por Skinner (1953/1965) que descreveu contingências em que estes termos costumam ser empregados. Respostas chamadas de autocontrole são emitidas quando existe um conflito de contingências. Isso é verificado, por exemplo, quando uma resposta produz consequências conflitantes, reforço positivo e reforço negativo. Respostas de um indivíduo que alterem a probabilidade da resposta (controlada) que gera consequências conflitantes seriam denominadas de controladoras ou de autocontrole. Este comportamento deve ser explicado por outras variáveis exteriores ao indivíduo. Hanna e Todorov (2002) descrevem importantes modelos experimentais de estudo do autocontrole relacionados às formulações de Skinner, destacando que eles não esgotam a investigação dos muitos comportamentos que podem ser considerados como formas de autocontrole.

Muitas pesquisas exploraram experimentalmente as relações de autocontrole em contingências em que há uma situação de escolha simples entre reforçador imediato e de menor magnitude ou atrasado de maior magnitude. Os comportamentos de autocontrole são então definidos como a escolha de um reforçador maior e mais atrasado sobre um reforçador menor e imediato.

O autocontrole, em algumas situações, seria alcançado prevenindo mudanças, evitando que padrões de comportamentos já estabelecidos fossem alterados. A investigação de contingências que favoreçam o estabelecimento de padrões comportamentais é importante para compreender o estabelecimento de relações denominadas de autocontrole. Siegel e Rachlin (1995) investigaram a formação de padrões comportamentais em pombos, a partir da manipulação de esquemas de reforçamento intermitente (CRF, FI, FR e SigFR no qual houve um blackout do esquema FR antes da

última resposta da razão FR) sobre a resposta de escolha entre reforçadores imediatos de menor magnitude e atrasados de maior, analisando a formação e as condições de reversão desses padrões comportamentais. Os resultados indicaram que, em reforçamento contínuo (CRF) e em intervalo fixo (FI), os pombos emitiram, predominantemente, respostas no componente correlacionado ao reforçador de menor magnitude e imediato. Ao alterar o esquema para razão fixa (FR), a taxa de respostas autocontroladas aumentou, e com SigFR diminuiu a frequência das respostas autocontroladas em relação ao FR. Segundo Siegel e Rachlin (1995), os esquemas de FR altos tendem a resultar em padrões de respostas muito rígidos, além de gerar forte preferência por uma das alternativas de escolha, acarretando forte resistência à mudança e reduzindo a probabilidade da reversão do padrão de escolhas, diferentemente dos esquemas CRF, FI.

Em uma replicação sistemática do estudo de Siegel e Rachlin (1995), Matos e Micheletto (2014) conduziram uma pesquisa com humanos adultos que visou observar a reversão da preferência do padrão de escolhas autocontroladas e impulsivas

manipulando esquemas de reforçamento apresentados na seguinte ordem: CRF, FR, CRF, SigFR, FI. Planejaram um jogo no computador no qual os participantes deveriam clicar em um dos dois quadrados, um que produzia uma consequência (uma animação de caça-níqueis era apresentada juntamente com a pontuação) menor e imediata e outro, uma maior e atrasada. Os resultados indicaram que, após a exposição ao esquema de FR, a preferência pelo componente correlacionado ao reforço maior atrasado permaneceu até o fim do estudo.

O esquema de reforçamento FR produz padrões rigorosos de respostas e alterar esse padrão gera custo. No esquema de intervalo fixo, o reforçamento de uma resposta após a passagem de um tempo determinado não estabelece um padrão rígido de respostas, apresentá-lo inicialmente permitiria avaliar se, nessas condições, haveria reversão de preferência de autocontrole. O presente estudo, uma replicação da pesquisa de Matos e Micheletto (2014), teve o objetivo de investigar se a ordem de apresentação dos esquemas concorrentes poderia afetar o padrão de resposta de participantes em relação ao reforçador maior atrasado e menor imediato. Para

tal, modificou-se a ordem de apresentação dos esquemas (CRF, FI, CRF, FR, CRF, SigFR, CRF), para avaliar se a exposição ao esquema FI, previamente ao FR, geraria impulsividade, como no estudo de Siegel e Rachlin (1995).

36 adultos, da faixa etária que variou entre 18 e 65 anos, realizaram as fases de seleção para identificar 5 participantes classificados como impulsivos. Cada fase do procedimento continha no máximo quatro blocos com 16 tentativas. No início de cada fase, o primeiro bloco era composto por 20 tentativas, sendo que as quatro iniciais eram de escolha forçada (em duas delas, a escolha produzia consequência em um dos quadrados e nas duas restantes, em outro).

As três primeiras fases do experimento permitiram selecionar os participantes. Na Fase Magnitude, ele deveria escolher entre diferentes magnitudes de reforço (5 ou 10 ponto) mais de 50% de escolhas pelo reforçador de maior magnitude. Na Fase Atraso, deveria escolher, entre alternativas de 5 pontos obtidos imediatamente ou com 15 s de atraso, menor atraso. E na Fase em que se avaliou autocontrole (CRF), deveria escolher alternativa que produzia reforçador imediato de menor

magnitude (5 pontos) em detrimento do de maior magnitude (10 pontos), porém com atraso de 15 segundos. Esta condição foi replicada nas fases 5, 7 e 9. A partir da terceira fase, clicar no quadrado azul produzia imediatamente 5 pontos e no quadrado amarelo 10 pontos após 15s, o que se alterou foram os esquemas de reforçamento. Na quarta fase, foi manipulado o esquema FI 3,16 s, assim, após o tempo estipulado, a próxima resposta emitida (clicar em um dos quadrados) era reforçada. Na Fase 6, foi manipulado o esquema de reforçamento FR 10. Após clicar 10 vezes em um dos quadrados, obtinha os reforços relativos a ele. Na Fase 8 (SigFR), um esquema de razão fixa foi implementado no qual após a emissão nona resposta, um blackout de 1 s ocorria e a resposta após este período era reforçada.

Dos 36 participantes expostos à Fase Magnitude, 91% foram selecionados para a Fase Atraso. Destes 63% foram selecionados para Fase seguinte que avaliou preferência por reforçadores menores e imediatos ou maiores e atrasados. Destes, 33% (sete) alcançaram o critério e seguiram com as demais fases. Apenas cinco completaram todas as fases experimentais.

Três participantes (P25, P26, P31), desses cinco, apresentaram no esquema FI um padrão de responder impulsivo (62%, 69% e 54% de escolhas, respectivamente), mantendo o padrão anterior da Fase 3 (CRF). Esses resultados foram diferentes dos obtidos por Matos e Micheletto (2014), que na Fase FI identificaram respostas foram predominantemente autocontroladas, como na Fase FR que a precedeu. Entretanto, foram compatíveis com os do estudo de Siegel e Rachlin (1995). No esquema FR, esses mesmos participantes apresentaram um aumento da porcentagem de respostas autocontroladas (para 57%, 50%, 63%, respectivamente) em relação ao FI, o que condiz com os demais estudos da literatura que indicaram que o esquema FR produziu escolhas autocontroladas. Apesar das similaridades, a porcentagem de escolhas impulsivas e autocontroladas nas condições envolvendo o esquema CRF variaram intra e entre participantes, o que não ocorreu nos demais estudos mencionados. Quando comparados aos resultados em FR, os obtidos com a apresentação de SigFR não foram conclusivos: para P25 e P31 houve aumento de escolhas no componente impulsivo e P26 houve diminuição.

Resultados opostos foram identificados para dois participantes (P4 e P30) que apresentaram, em esquema de reforçamento FI, mais respostas autocontroladas, resultado este oposto ao dos demais participantes do estudo e dos encontrados por Siegel e Rachlin (1995). P30 manteve este padrão de respostas autocontroladas até o final do experimento e P4 reverte, na Fase de FR, o padrão de respostas para impulsivas. Destaca-se que exceto na Fases FR e na Fase CRF que se segue, em todas as outras fases predominaram para P4 respostas autocontroladas. Ao contrário dos demais, este participante apresentou um padrão autocontrolado na maioria dos blocos da Fase 3 (CRF), sendo selecionado para as fases seguintes, apenas pela reversão de suas escolhas no quarto bloco desta fase, o que talvez explique as diferenças encontradas com esse participante.

Diante do desempenho dos participantes em cada bloco das fases experimentais, observou-se que a exposição à contingência, algumas vezes, gerou uma mudança na porcentagem de respostas impulsivas e autocontroladas, ou seja, há mudanças ao longo dos blocos da fase. Além disso, observou-se ainda que vários participantes apresentaram oscilação de

respostas impulsivas e autocontroladas ao longo das tentativas de cada fase.

Ao término de cada coleta, os participantes foram questionados a respeito de suas escolhas. Vários deles relataram acreditar haver um padrão que deveria ser seguido para obtenção de pontos, como por exemplo, clicar duas vezes no componente azul e duas no componente amarelo. Os relatos indicam que alguns participantes formularam regras a respeito da contingência em vigor. Alguns relataram não terem atentado, em parte do experimento, para o botão de pontos.

Sugere-se que o estudo seja replicado com mais participantes, considerando que dois padrões distintos foram identificados entre os participantes, e que todos sejam expostos a quatro blocos em cada fase, considerando as alterações algumas vezes identificadas ao longo dos blocos. Dada a dificuldade de se selecionar participantes que, predominantemente, tenham respostas impulsivas, identificada neste e em estudos de autocontrole relatados, que pode estar relacionada ao reforçador utilizado, parece importante que se desenvolvam estudos para esclarecer os efeitos do tipo e qualidade dos reforçadores sobre autocontrole de

adultos humanos, que parecem ser relevantes para a compreensão da diversidade de resultados obtidos nos estudos.

Referências

- Hanna, E. S., & Todorov, J. C. (2002). Modelos de autocontrole na análise experimental do comportamento: utilidade e crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 18* (3), 337-343.
- Matos, D.C., & Micheletto, N. (2014). Análise dos efeitos do atraso e da probabilidade do reforço em condições com esquemas concorrentes simples. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 10*, 64-75.
- Siegel, E., & Rachlin, H. (1995). Soft commitment: Self-control achieved by response persistence. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 64*, 117-128.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York, N.Y: The Free Press. (Trabalho publicação original em 1953).

Protocolo Comportamental de Avaliação e Intervenção Precoces para Bebês de Risco Autístico: Revisando os antecedentes evocativos dos comportamentos-alvo

Meletti, H. D., Gioia, P. S., Keiner, S., Lima, A. C. S. A., Carvalho, F. G., Morais, F. M. M. V., Monori, G. L.

De acordo com Gioia e Guilhardi (2018), o diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) traz, entre suas principais vantagens, a possibilidade de acesso à intervenção nos estágios iniciais da vida, o que pode promover melhor prognóstico de desenvolvimento e menor custo de tratamento. Apesar disso, o diagnóstico do TEA, na maioria das vezes, não é feito de forma precisa e nem sempre acontece nos primeiros anos de vida da criança.

Uma das possibilidades de identificação do diagnóstico precoce pode ser feita com familiares de pessoas com TEA que podem apresentar déficits sociais e de comunicação e comportamentos repetitivos que possivelmente sejam manifestações genéticas do TEA. Familiares, especialmente de primeiro grau, são considerados população de risco. Investigação com essa população pode aprimorar e antecipar o diagnóstico. (Piven, Palmer, Jacobi, Childress &

Arndt, 1997). “A manifestação atenuada de características qualitativamente similares às que definem a síndrome, em indivíduos não portadores do transtorno” (Cruz, Camargos-Júnior e Rocha, 2013, p. 252) é denominada Fenótipo Ampliado do Autismo (FAA). Com a identificação da ocorrência do FAA, os irmãos de crianças com o diagnóstico de TEA se tornaram um grupo de risco importante para investigação, diagnóstico e intervenção precoces do transtorno. A identificação nessa população de sinais de risco, no entanto, requer instrumentos e formas de se avaliar adequados.

Dentre as propostas brasileiras de instrumentos de avaliação relacionados à identificação de TEA, temos o Protocolo Comportamental de Avaliação e Intervenção Precoces para Bebês de Risco Autístico, elaborado por Gioia e Guilhardi (2018). O objetivo da autores foi a identificação precoce dos sinais do transtorno em crianças de risco e orientação de intervenção parental.

Neste protocolo, diferentemente dos demais, os próprios cuidadores podem ser treinados para utilizá-lo, tornando-se uma forma de intervenção precoce. A aplicação é realizada no ambiente natural da criança e baseia-se em observação comportamental direta.

Gioia e Guilhardi (2018) consideraram que é necessário conhecer a cerca do desenvolvimento infantil típico a fim de identificarem comportamentos comumente esperados em cada faixa etária e que dificilmente condizem com os comportamentos apresentados por crianças dentro do espectro ou por crianças com sinais de risco para TEA.

Diante da discussão da literatura sobre desenvolvimento infantil, do levantamento de comportamento-alvo de sinais de TEA e, considerando as vantagens desse instrumento em identificar precocemente esses sinais, o presente estudo busca propor reformulações, baseadas na aplicação do protocolo em novas crianças, das tarefas que não estão adequadas como evocativas ou estão pouco claras para os aplicadores, tornando-as mais parcimoniosas para futuras aplicações.

Método

Participantes

Os participantes da pesquisa foram 6 crianças (R., B., V., G., Z. e D.), irmãos mais novos de crianças diagnosticadas com TEA, dentro da faixa etária de 7 a 36 meses, sendo cinco do sexo feminino e um do sexo masculino, nenhum deles frequentava serviços especializados (psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos).

Local

As aplicações foram conduzidas nas respectivas casas das crianças, no ambiente onde costumam brincar, diminuindo o estranhamento de uma situação de avaliação. Além disso, seguindo um dos objetivos da pesquisa, a avaliação em ambiente domiciliar favoreceu o treinamento de pais para possíveis intervenções com a criança.

Equipamentos, Materiais e Instrumentos

Os materiais utilizados foram brinquedos da criança de médio e alto interesse, conforme especificados pelos cuidadores. Utilizou-se o instrumento do Protocolo e folha de registro correspondente.

Procedimento

As aplicações tiveram duração em torno de uma hora e meia, e foram realizadas, em média, quinzenalmente durante três meses. A presente pesquisa enquadra-se no que foi descrito por

Nedel e Silveira (2016), como Estudo de Coorte: um delineamento descritivo observacional longitudinal prospectivo.

O instrumento de avaliação e intervenção é composto de 13 tarefas, instruídas pelos cuidadores ou pesquisadores a serem realizadas pela criança. Iniciava-se com a tarefa mais próxima atual da criança e seguia-se, em ordem decrescente, até a Tarefa 1, a fim de garantir a realização das tarefas mais complexas sem interferência do cansaço da criança

As tarefas organizam-se em tentativas (instrução oral e estímulos, resposta da criança, consequência liberada pelo aplicador quando ocorre a emissão do comportamento-alvo). Também foi registrado em cada tentativa os comportamentos sociais, ou seja, se a criança olha e/ou sorri e/ou balbucia/fala, enquanto é dada a instrução ou enquanto responde.

Por meio das filmagens das aplicações, dois experimentadores preencheram o registro dos comportamentos emitidos pela criança, para o cálculo de fidedignidade. A tarefa fora considerada fidedigna apenas se ultrapassasse o valor de 80% de concordância entre os observadores. A correta aplicação das tarefas (integridade) também foi analisada através das filmagens por dois

pesquisadores independentes que não realizaram nenhuma aplicação. Todas as aplicações que não obtiveram, pelo menos 80% de integridade, foram descartadas.

Resultados e Discussão

Foram realizados ajustes nas tarefas, para assim atender à dimensão tecnológica (Baer, Wolf, Riskey, 1968/1987), possibilitando a replicação do instrumento de avaliação. As tarefas 6 e 7 foram unidas em uma única, por pretenderem evocar comportamento-alvo similares; da mesma forma, as tarefas 10 e 11, já que em ambos os casos, apenas a topografia da resposta mudava e não a habilidade envolvida. Além disso, a instrução da tarefa “seguimento de instrução” (“dá tchau”) não pareceu ser eficiente; os aplicadores observaram uma tendência de os participantes não emitirem o comportamento-alvo, já que outros estímulos que, usualmente, acompanham o “dar tchau” não estavam presentes, em outras palavras, observou-se que várias crianças que não emitiam o comportamento após a instrução do aplicador, o faziam quando este se despedia no término da visita. A nossa sugestão é que a tarefa ofereça novas instruções a serem seguidas ou imitadas

que não correspondam a situações de despedida. Um outro problema ocorreu com a tarefa 8 que descrevia que o aplicador deveria estar de braços esticados e falar “vem com a...”. Nessa situação, dois possíveis controles do comportamento-alvo estavam operando. Não era possível afirmar que o participante estava sob controle do gesto (antecipação da ação, considerada a resposta alvo), ou sob controle da instrução oral “vem com a...”. Sugere-se que se ofereça outra situação como vestir uma blusa como antecedente e esperar que a criança estique os braços, sem qualquer instrução oral.

Constatou-se, também, que o treino dos observadores ainda merece atenção especial na sua estruturação. Seria necessário, para aplicações futuras, que os treinadores passem por um período de treino mais longo e que haja modelagem do registro das coletas em vídeos antes da aplicação. A falta de precisão na aplicação pode implicar em índices de integridade baixos, assim como a perda do poder evocativo das instruções dadas pelos aplicadores, ou seja, a não emissão dos comportamentos-alvo pode estar relacionada à aplicação inadequada e não a um déficit comportamental da criança. Dessa forma, um treino mais acurado dos aplicadores, poderá reverter

em aumento da precisão dos dados obtidos e diminuir o tempo de coleta, uma vez que muitos registros foram excluídos por falta de integridade na aplicação do procedimento.

Referências

- Baer, D. M.; Wolf M. M.; Risley, T. R. (1968). Some Current Dimensions of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 1-91. doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91
- Baer, D. M.; Wolf M. M.; Risley, T. R. (1987). Some Still-Current Dimensions of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 20(4), 313-327. [doi: 10.1901/jaba.1987.20-313](https://doi.org/10.1901/jaba.1987.20-313)
- Cruz, L. P.; Camargos-Junior, W. e Rocha, F. L. (2013). O Fenótipo Ampliado do Autismo em pais de indivíduos autistas: Uma Revisão Sistemática da literatura. *Trends Psychiatry Psychotherapy*. [online]. 2013, vol.35, n.4, pp.252-263. doi.org/10.1590/2237-6089-2013-0019.
- Gioia, P., & Guilhardi, C. (2018). Protocolo comportamental de avaliação e intervenção precoces para bebês de risco autístico. *Revista Brasileira de Terapia*

Comportamental e Cognitiva, 20(3),
118-135.

doi.org/10.31505/rbtcc.v20i3.1221.

Nedel, W. L. e Silveira, F. da (2016).

Os diferentes delineamentos de
pesquisa e suas particularidades na
terapia intensiva, *Revista Brasileira
de Terapia Intensiva*. 28(3), 256-260.

doi.org/10.5935/0103-

[507X.20160050](https://doi.org/10.5935/0103-507X.20160050).

Piven, J., Palmer, P., Jacobi, D.,

Childress, D., & Arndt, S. (1997).

Broader autism phenotype: Evidence
from a family history study of
multiple-incidence autism families.

American Journal of Psychiatry,
154, 185–190.

doi.org/10.1176/ajp.154.2.185.

XXIII LABEX – 02 e 03 de dezembro de 2017
PROGRAMAÇÃO – Dia 02/12

Segunda-feira (02/12)			
Horário	Mesa	Responsável	Debatedor
09:30 às 09:45	Abertura	Mônica H. T. A. Gianfaldoni	-----
09:45 às 10:15	Desenvolvimento do conceito de equivalência de estímulos por Sidman, reações da comunidade científica e a influência destas reações no desenvolvimento do conceito	Marcos Spector Azoubel (D)	Samir Mussi
10:15 às 10:45	Publicidade Infantil e Estereótipos de Gênero: um estudo analítico-comportamental	Sofia Radesca Alvares Scuff (TCC)	
Intervalo 10:45 às 11:00			
11:00 às 11:30	Avaliação funcional indireta e descritiva: uma caracterização metodológica de trabalhos empíricos	Tataína Iara Moreno Pickart (M)	Henrique Costa Val
11:30 às 12:00	Efeitos de um procedimento de ensino de leitura e de escrita, baseado no paradigma de equivalência de estímulos, sobre o desempenho de um jovem com atraso intelectual.	Verônica Siqueira Fonteles (M)	
Intervalo para almoço: 12:00 às 13:30			
13:30 às 14:00	A produção da variabilidade e generalização de respostas intraverbais em crianças com TEA	Helena Duran Meletti (M)	Helena Duran Meletti
14:00 às 14:30	Possíveis variáveis mantenedoras da dependência do exercício físico	Stefany Freitas De Sousa (TCC /m//)	
Intervalo 14:30 às 14:50			
14:50 às 15:20	História da analista do comportamento no Brasil: genealogia acadêmica dos orientadores de doutorado	Thays Cristina Rodrigues Dutra (M)	João Rodrigues
15:20 às 15:50	Exposição à realidade virtual como forma de diminuir a ansiedade de falar em público	Carolina Machado Ortega (M)	
Intervalo: 15:50 às 16:10			

16:10 às 16:40	Linha 1: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento	Professor titular: Maria do Carmo Guedes Alunos: Jessika Natel; João Gabriel Voltolim; Leticia Barbieri; Guilherme Ribeiro	Thays Cristina Rodrigues Dutra
16:40 às 17:10	Linha 2: Processos Básicos na Análise do Comportamento	Professor titular: Nilza Micheletto; Alunos: Julia Tognozzi; Alessandra Oddone; Bianca Romano; Aliny Garcia; José Roberto Beraldo	
17:10 às 17:40	Linha 3: Desenvolvimento de Metodologias e Tecnologias de Intervenção	Professor titular: Paula Suzana Gioia Alunos: Fabiana Carvalho; Giovana Monori; Ana Carolina Lima; Flávia Moraes	

Terça-feira (03/12)			
Horário	Mesa	Responsável	Debatedor
09:00 às 09:30	Preconceito sexual em medidas implícitas, explícitas verbais e explícitas não verbais: uma revisão bibliográfica	Flavio Faccini Martins	Emerson Costa
09:30 às 10:00	Riscos, vulnerabilidade e hiv/aids entre homens que fazem sexo com homens: uma análise verbal	João Marinho de Lima Neto (M)	
Intervalo: 10:00 às 10:15			
10:30 às 11:00	Uma revisão bibliográfica das publicações brasileiras em análise do comportamento sobre o TOC	Gabriel Spatafora (TCC)	Vinicius Souza
11:00 às 11:30	Vivemos uma distopia? Uma análise comportamental de nossas agências de controle comparadas a “1984”	Gabriel Spatafora (IC)	
11:30 às 12:00	O dilema do prisioneiro em ratos: níveis de restrição alimentar e seu efeito no comportamento de cooperação	Fabio Nakabashi (M)	
Intervalo para almoço: 12:00 às 13:15			
13:15 às 13:45	Análise dos efeitos da exigência de respostas em escolhas de Autocontrole	Thiago Del Poço (M)	Henrique Angelo
13:45 às 14:15	Modelagem da emissão de respostas pré-correntes em situações de resolução de problemas em crianças de 7 e 8 anos de idade: uma adaptação do thinking aloud pair	Tereza Attem Felix Santos Manpetit (M)	

	problem solving (tapps)		
14:15 às 14:45	Sobre maiorias e minorias: estudos sobre conformidade, não conformidade e macrocomportamento	Henrique Valle Belo Ribeiro Angelo (D)	
Intervalo: 14:45 às 15:00			
15:00 às 15:30	Análise comportamental de variáveis produtoras do sucesso escola.	Samanta Florenci Tibério (IC)	
15:30 às 16:00	Mulheres no Esporte: Investigação da produção científica nacional - artigos - sobre Psicologia do Esporte (1965 - 2018)	Giulia Cândido Bruno (IC)	
Intervalo: 16:00 às 16:20			
16:20 às 17:20		Maria do Carmo Guedes	-----
Confraternização de Encerramento do LABEX			

Comissão organizadora: Mônica H. T. A. Gianfaldoni, Fabiana de Godoi Carvalho,
João Manoel Rodrigues Neto, Vitor Duncan Marinho e Thays C. R. Dutra
LOCAL: RUA MONTE ALEGRE, 984 – PRÉDIO NOVO – SALA 506